



Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Revista do PPGEA/FURG-RS

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

A IMPORTÂNCIA DOS LUGARES NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Mauro Grün¹

RESUMO:

O trabalho analisa a importância dos lugares para a Educação Ambiental. Para tanto, são analisadas as concepções de espaço presentes em Descartes e Newton. Descartes via o espaço como mera extensão. O próprio corpo não é mais que espaço. Newton acreditava que o espaço era vazio e absoluto. Argumento que perdemos a noção de lugar. A partir do séc. XVII, vivemos como se estivéssemos em lugar nenhum. Perdemos a referência a lugares. Os lugares estão desaparecendo em detrimento do espaço. Casey (2000) argumenta que para um Ocidental instruído é o espaço que vem antes, enquanto para um Aborígine da Austrália e para muitos outros indígenas é o lugar. As narrativas pelas quais damos sentido às nossas vidas dificilmente estão enlaçadas a lugares. Naess (1995) acredita que 99% dos *experts* são educados para perceber um lugar ou uma paisagem não como bonito ou feio, mas como se fossem apenas 30 ou 40 km². O espaço moderno é visto como sendo “neutro” e como um meio previamente dado, uma tabula rasa na qual as particularidades da cultura e da história são inscritas. Há uma emancipação do lugar e uma nova Cosmologia inspirada no conceito de espaço vazio em Newton. Essa Cosmologia influenciou inclusive os processos de colonização pela Europa de países como a Austrália, que recebeu de seus primeiros “descobridores” o sugestivo nome de *Terra Nulius* (Terra de Ninguém), embora houvesse uma grande população de Aborígenes vivendo lá há mais de 40.000 anos. Argumento que para termos práticas mais ecologicamente orientadas precisaríamos nos “sentir em algum lugar”. “Estar em lugar”, ter “a noção de lugar” é um modo de pertença ao mundo e é importante para nossa percepção primária e interconexões com o mundo não-humano.

¹ Mauro Grün é professor adjunto do Programa de Mestrado em Educação da Universidade do Planalto Catarinense – UNIPLAC.

Na verdade, nós estamos sempre em lugares, não vivemos no espaço, mas a percepção predominante é ainda a do espaço neutro e desnudo de qualidades. Seguindo Casey (2000), afirmo que os lugares foram absorvidos pelo espaço neutro e homogêneo da ciência moderna, dificultando nossa noção e percepção dos lugares e aprofundando a crise ecológica. Ao final, proponho que a reapropriação social dos lugares seja uma das tarefas da Educação Ambiental.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Ambiental, Lugares, Ética Ambiental.

ABSTRACT:

This work will examine the importance of the idea of places for Environmental Education. As such, it will focus on the theoretical views on space put forth by Descartes and Newton. For Descartes, space was merely an extension. The body itself was space. In contrast, Newton believed that space was empty and absolute. Personally, I will argue that we have lost in fact any sense of what a place is. Indeed, since the XVIIth century we behave as if we lived in an outside place, in space. We have lost, in sum, the sense of place and place is disappearing to the benefit of space. Indeed, Casey (2000) proposes that while the educated Westerner privileges space, the Australian Aborigine, and indigenous peoples elsewhere prefer to focus on place. The stories through which we derive meaning in our lives rarely relate with place. Thus Naess (1995) says that 99% of *experts* are educated to see place as a place or landscape, not so much as 'beautiful' or 'ugly', but simply as '30' or '40 square kilometres'. Modern space is now perceived as neutral, as a given, a *tabula rasa* on which the particularities of culture and history are inscribed. Newton's conception of 'empty space' has led to a Cosmology predicated on the the erasure of place. In fact, such a perception has influenced even the colonisation of certain parts of the world by European powers. In Australia, such a world-view resulted in the continent being suggestively described as *Terra Nullius* (No Man's Land), despite an Aboriginal presence that stretched back over 40.000 years. In this paper I will argue therefore that in order to adopt a more ecologically friendly life practice we will need to rediscover the sense of 'belonging to place'. 'To be in a place', 'to have a sense of place' is thus central to being in the world, and to our primary perception of and relation with the non-human world in which we exist. In truth, in spite of the perception of the idea that space is neutral and devoid of any qualities, we do not live 'in space', we exist always 'in place'. After Casey (2000), I argue that 'place' has now been absorbed by 'neutral and homogenous 'space' posited by modern science. This in turn has complicated and undermined our perception and understanding of place, resulting in an ever-worsening ecological crisis. Finally, I will argue for a social reapropriation of place as a key strategy of Environmental Education.

KEYWORDS: Environmental Education, Place, Environmental Ethics.

Sempre me intrigaram não só as causas das crises ecológicas, mas também algumas atitudes do cotidiano de nossas vidas que pareciam referendar a estranha proposição que “vivemos como se não estivéssemos situados em lugar nenhum”. Nesse texto, argumento que isso ocorre, em parte, por um problema do que Merleau-Ponty (1990) chama de *percepção primária*. Entre os/as cientistas e técnicos/as que têm

formação com base na ciência moderna isso é ainda mais evidente. Naess (1995) observa que “99% de todos os *experts* são educados para acreditar que tudo aquilo que é bonito e amável (ou feio e odiável) é criado pela humanidade, com a natureza como se fosse nada” (p.54). Devido à ciência moderna nós perdemos a noção de lugar, e estes perderam sua autenticidade. Para um cientista moderno todos os lugares são iguais, o que equivale a dizer, são espaço homogêneo, onde nos guiamos mais por coordenadas e sistemas de referência do que por descrições particulares com valores estéticos, religiosos e éticos. Ainda vivemos sob a égide da concepção moderna de espaço, ainda que já seja possível falar em espacialidades pós-modernas (Harvey, 2006). Perdemos as referências para traçar nosso caminho no mundo, contar as nossas histórias. As narrativas pelas quais damos sentido às nossas vidas dificilmente estão enlaçadas a lugares. Quase não há referência a lugares. O filósofo ambiental Cheney (1993) cita o caso do livro de Edith Cobb, *The Ecology of Imagination in Childhood* (A Ecologia da Imaginação na Infância), onde ela descreve o caso de Alice, uma criança que descreve o mundo que a circunda como “espaço vazio” e é esquizofrênica. Cobb (1977), acredita que as paisagens também são constitutivas das identidades. No entanto, os lugares e as paisagens foram obliterados pela hegemonia do conceito moderno de espaço como “extensão” formulado por Descartes e seus seguidores mecanicistas no séc. XVII.

Desde Newton (1987) no séc. XVIII com a noção de espaço absoluto e vazio, os lugares passaram a ter o *status* de simples partes do espaço. Ou seja, primeiramente se parte do espaço para então chegar ao lugar. Casey (2000) define o espaço moderno como sendo “neutro”, “um meio previamente dado, uma tábula rasa na qual as particularidades da cultura e da história são inscritas com o lugar como um resultado já pré-definido” (p.14). Essa definição sugere que o espaço é vazio e sempre inocente desde sempre aguardando em um “lá” abstrato na espera de sua configuração cultural. O espaço moderno de Galileu, Descartes e Locke é despido de suas qualidades secundárias: cheiros, calor, cores, etc. Isso pertenceria ao domínio do campo subjetivo, ao passo que o espaço, desnudado de suas qualidades, pertence ao campo objetivo.

Existe aqui como argumenta Hargrove (1989) um processo de purificação no qual as qualidades secundárias são varridas do espaço ou pelo espaço. Casey (2000)

observa que para um Ocidental instruído o espaço vem antes, já para um Aborígine da Austrália Central e muitos outros indígenas é o lugar que vem primeiro. No discurso teórico o espaço vem primeiro e nas experiências pessoais é o lugar que vem antes. É somente no séc. XVII e XVIII com Galileu, Descartes e Newton, ou seja, nos últimos trezentos anos, no período que denomino modernidade científica, que a concepção de espaço homogêneo triunfou, vindo a entrar em crise profunda na primeira metade do séc. XX. A prioridade do espaço sobre o lugar é axiomática. A questão que se coloca para a Educação Ambiental é como fazer uma reapropriação social dos lugares para podermos ter uma noção de lugar a assim engendrar práticas mais orientadas ecologicamente e mais situadas. Parecemos estar sem referência. Casey (1998) sugere a abordagem fenomenológica como a mais apropriada para isso. Para uma reapropriação social dos lugares é necessário começar pela experiência. A fenomenologia está interessada no papel da percepção nos lugares. O importante seria chegarmos a uma condição de se “sentir em um lugar” (Casey, 1993). Na verdade, nós estamos sempre em lugares, não vivemos no espaço, mas a percepção predominante é ainda a do espaço desnudo de qualidades. Husserl (1999) e Merleau-Ponty (1990) afirmam que a percepção é primária e, assim sendo, precisa nos dar mais que meras descrições de superfície. Estar em um lugar é estar em condições de percebê-lo. A concepção de espaço homogêneo não ajuda na percepção da crise ecológica, pois todos os espaços modernos são iguais uns aos outros e neutros. Se quisermos compreender a atual crise, precisamos do que Merleau-Ponty (1990) chama de percepção profunda. Abran (1995) diz que

Para muitos que readquiriram uma percepção profunda, reconhecendo seus/suas próprios/as corporeidades como interna e totalmente dependente do vasto corpo da Terra, o único curso de ação possível é começar a planejar e trabalhar pelo benefício de um mundo ecológico que eles/elas agora discernem (p.57).

Merleau-Ponty (1990) identifica o corpo como sendo o sujeito consciente da experiência, mover o corpo a uma certa distância funciona como uma provocação à exploração sensorial. A profundidade de uma paisagem, por exemplo, é construída pelo corpo-vivido. Trata-se de uma crítica direta à subjetividade Cartesiana, privatizada, livre

de lugares e paisagens. Merleau-Ponty (1990) afirma, portanto, que o primado da percepção corpórea nos aproxima do mundo sensível, eliminando assim o grande vilão da Ética Ambiental e da Educação Ambiental: o dualismo Cartesiano que distingue natureza e cultura, sujeito e objeto. Esse dualismo Cartesiano nos afastou do mundo sensível e assim nos afastou da natureza, ambientes, lugares e paisagens. Tal dualismo mais a concepção do espaço como extensão de Descartes, prejudicou muito a nossa percepção da crise ecológica que está em curso, pois nós nos percebíamos como estando afastados dos ecossistemas e cadeias tróficas que nos sustentam. Permanecíamos a parte do chamado mundo “natural”. Contrariamente ao famoso dualismo Cartesiano, Merleau-Ponty (1990) afirma que o primado da percepção se dá através de um corpo sensível num dado horizonte. O conceito de horizonte, observa Abram (1996), é fundamental na teoria da percepção fenomenológica de Merleau-Ponty. A originalidade da reflexão de Abram (1996) consiste no fato de que na sua interpretação o “mundo” a que se refere Merleau-Ponty não é outra coisa senão a Terra. Prova disso é que nos seus últimos escritos ele não fala apenas do “mundo”, mas “deste mundo”, do “novo mundo” que nos engloba e no qual residimos (Casey, 2000). Nesse sentido, creio que a interpretação de Abram (1996) vai longe demais e se arrisca a perder a outridade estabelecida na relação eu-outro-mundo de Merleau-Ponty (1990).

É preferível também a interpretação que Casey (1993) faz de Merleau-Ponty. Casey (1998) acredita que uma interpretação mais adequada seria não do mundo enquanto Terra que nos engloba, mas mundo como mundo-lugar, onde se dá o primado da percepção. Para Casey (1998), a profundidade primordial se dá na ambiência. O *start* da percepção começa pela imediata circunscrição da ambiência, mais a noção de Husserl (1999) de “horizontes externos que abarcam a uma cena dada como um todo (...). A coerência da percepção no seu nível primário é fornecida pela profundidade e horizontes de *cada lugar* que nós ocupamos como seres que sentem” (Casey, 1998, p.18 – *ênfase do autor*). Tal percepção não foi possível do séc. XVII em diante e acredito firmemente que uma das causas do agravamento da crise ecológica durante o período que denomino modernidade científica (últimos trezentos anos) se encontra justamente na concepção de espaço formulada por Descartes, Galileu e Newton.

Descartes concebe o espaço como extensão. Mas o que é, afinal, extensão? A resposta de Descartes é simples: extensão é o corpo. Assim, Descartes concebe também o corpo como espaço. A matéria é co-extensiva com o espaço, o que provavelmente demonstra porque Descartes (1998) acreditava que os gritos dos animais durante a vivissecção não passavam de “chiados de uma roda de carroça enguiçada”. A matéria não só ocupa espaço, mas é efetivamente espaço. Ocorre um processo de descorporificação a partir da concepção Cartesiana de espaço como extensão, esta descorporificação é que resulta em um corpo que não sente frio, calor ou tem uma cor. Esta descorporificação (*desimbodiment*) impediu que aprimorássemos nossos sentidos para valorizar a natureza e os lugares, incluindo aí os lugares onde vivemos e residimos. É por isso que Heidegger (1971) diz que precisamos habitar poeticamente e aprender a residir na Terra. A prática de residir poeticamente, diz Heidegger (1971), nos levaria a atitudes mais ecológicas. A prática de descorporificação ocorrida durante a modernidade é o que impediu que o que Merleau-Ponty chama de “Primado da Percepção” se efetivasse em uma prática com o “corpo vivido”. Passos e Sato (2002) argumentam que para Merleau-Ponty

A fenomenologia não é um mergulho no espírito e no pensamento, sem lugar para a terra. É na percepção biológica, sensória, estética que o fenômeno que se comunica com o mundo, indissociavelmente como carne e espírito, mancomunados. Somos seres situados, consciências, já de antemão, por sua própria essência, referenciados e, em parte, constituídos por um alter, que não somos nós próprios e sem o qual não somos (p. 131).

Newton, no séc. XVIII, também contribuiu para o aprofundamento da crise ecológica, pois com ele o problema da percepção se agravou ainda mais. Casey (1998) diz que nada foi tão desastroso para nossa experiência vivida como a ciência moderna. Whitehead (1967) considera que a grande falácia da ciência moderna foi tomar o abstrato – as relações espaciais – como concreto. O resultado disso é que os lugares foram absorvidos pelo espaço. Com Newton, a eliminação dos lugares continuou, pois o conceito de espaço vazio se impõe sobre o lugar particular, eliminando a nossa “noção de lugar”. Há uma emancipação do lugar e uma nova Cosmologia inspirada no conceito de espaço vazio. Essa Cosmologia influenciou inclusive os processos de colonização pela Europa de países como a Austrália que recebeu de seus primeiros “descobridores”

o sugestivo nome de *Terra Nulius* (Terra de Ninguém), embora houvesse uma grande população de Aborígenes vivendo lá há mais de 40.000 anos (Plumwood, 1993). Gassendi (1998) chega a liberar o espaço da matéria e Newton considera os lugares simplesmente como espaço mensurável, matematizado.

Ao final, o lugar tem apenas uma grande função na Cosmologia de Newton – e uma função muito tênue. Como Absoluto, o lugar ocupa e estrutura o vazio *antes* de qualquer ocupação por corpos e forças. O corolário do compromisso de Newton com o espaço Absoluto é uma aceitação de um *stricto* vazio universal (Casey, 1998, p.147 – *ênfase do autor*).

Enfim, o lugar é uma pequena parte integrante do vazio.

O espaço do não lugar cria solidão e similitude.

Se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico, definirá um não lugar (Augé, 2005, p.73).

“A distinção entre lugares e não-lugares passa pela oposição dos lugares aos espaços” (Augé, 2005, p. 75). Já Michel de Certeau não opõe espaço e lugar. O espaço, para ele, é “um lugar praticado”. “Ele observa que a primeira referência é que, Merleau-Ponty, em sua *Fenomenologia da Percepção*, distingue o espaço “geométrico”, o espaço ‘antropológico’ como espaço ‘existencial’, lugar de uma experiência de relação com o mundo de um ser essencialmente situado ‘em relação com o meio’” (Certeau citado em Augé, 2005, p.75). Mas, a supermodernidade de Augé (2005) é, na verdade, uma extrapolação do espaço para a vida cotidiana. O fato de as localizações terem se tornado nomes em um itinerário comprova a tese de Rehman-Sutter (1998) de que vivemos através de sistemas de coordenadas de referência, sem a menção da localidade. A supermodernidade tem basicamente três características: a superabundância fatural, a superabundância espacial e a individualização das referências; essas características encontram sua expressão completa nos não-lugares (Augé, 2005). Seguindo Augé (2005), Bauman (2000) diz que os não-lugares são lugares onde não há interação social e negociação das diferenças.

A REAPROPRIAÇÃO SOCIAL DOS LUGARES PELA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Agora que estamos em busca da reapropriação social dos lugares temos que cuidar para não cair no extremo oposto e absolutizar os lugares. Trata-se, antes de achar um caminho para o lugar (Casey, 1998), e este caminho é o corpo. O corpo e a sensibilidade em geral foram os primeiros a serem considerados como mera extensão, ou seja, como mero espaço. A apreensão dos corpos aos lugares se dá através de um *estar-com* que é inexorável à nossa condição no mundo da vida. Negligenciar o mundo da vida é negar a experiência do corpo-vivido. Husserl (1999) já se mostrava impressionado com a posição privilegiada que ocupa o corpo na fenomenologia. Em seu último trabalho *A Crise das Ciências Européias e a Fenomenologia Transcendental*, Husserl (1999) afirma que desde Galileu houve uma intensa preocupação da ciência moderna em matematizar todos os aspectos do mundo da vida para torná-lo *objetivo*. Husserl (1999) é o primeiro a distinguir entre corpo físico e corpo-vivido. O que está incipiente em Husserl no que diz respeito à corporeidade é feito por Merleau-Ponty (1990) em sua *Fenomenologia da Percepção*. Merleau-Ponty afirma que a maneira de termos um mundo é através do nosso corpo como meio de realização. O corpo é capaz disso pelo fato de que tem intencionalidade corpórea. É essa intencionalidade que estabelece o elo com o mundo que habitamos. E é também através do corpo-vivido que temos nossa ancoragem no mundo. “Merleau-Ponty culmina o esforço contemporâneo para reivindicar a particularidade do lugar da universalidade do espaço com um recurso ao empoderamento da corporeidade” (Casey, 1998, p.238). Assim, Merleau-Ponty resgata as qualidades residenciais do corpo-vivido e isso faz, segundo Casey (1998), com que os lugares sejam novamente alvo de investigação filosófica e fonte primária da pesquisa em Educação Ambiental. “Se sentir em lugar” é uma condição *sine qua non* de nossa existência e é também uma condição ecológica de nossa residência no mundo, seja lá onde for que estivermos. Não vivemos no espaço absoluto ou no ar, mas em “lugares” nos quais existem “arte, sonhos, vidas, mitos e estórias” (Casey, 1998). “Estar em um lugar”, ter a “noção de lugar” é um modo de pertença ao mundo e é importante para nossa percepção primária e interconexões com o mundo não-humano. Deste modo,

talvez possamos dar os primeiros passos na revalorização da localidade e do “conhecimento local”. O próprio conhecimento como um todo precisaria se resignificar e se conceber como um conhecimento dependente de lugares.

É a situação do meu corpo aqui e agora que me dá um lugar. A verdade concreta pertence ao lugar sob os nossos pés e em volta dos nossos olhos e ouvidos. O lugar não é um espaço vazio onde a cultura é inscrita, mas sim uma

presença permeada por instituições e práticas culturalmente constituídas. Como a base de um coletivo bem como do habitus do indivíduo, estas instituições e práticas permeiam os corpos dos sujeitos sensíveis em um dado lugar assim como reafirmam o poder do lugar propriamente dito: mesmo quando pré-discursivamente dado (e preferencialmente experienciado) nem o corpo nem o lugar é pré-cultural (Casey, 2000, p.46).

A cultura permeia o lugar de cima abaixo. O espaço não vem antes do lugar como pensavam Kant e Newton, mas sim é o lugar que vem antes. Cabe agora à Educação Ambiental promover, como sugere Casey (1998) uma volta aos lugares em direção a uma compreensão renovada do nosso lugar-no-mundo. Gallagher (1994) em seu livro *The Power of pLace: how our surroundings shape our thoughts, emotions, and actions* afirma que

como a psicanálise ampliou sua influência, promovendo a pesquisa da alma como a via real para sabedoria e bem-estar, o rápido crescimento da psicofarmacologia deu surgimento a outra hipótese, a de que tudo depende inerentemente da neuroquímica certa. Ambas, psicanálise e drogas, as quais são vistas freqüentemente como antitéticas, enfatizam um processo interno do indivíduo como determinação da saúde mental, e prestam pouca atenção ao ambiente externo, como as antigas escolas do pensamento prestavam (p.14).

No entanto, Gallagher (1994) é otimista quanto as nossas possibilidades de reapropriação social dos lugares. Ele diz que em um futuro próximo “uma visita ao médico poderá envolver uma avaliação dos componentes ambientais da saúde”. Isso não é algo novo. E seria apenas como darmos ouvidos a uma sabedoria muito antiga. Hipócrates há mais de dois mil anos já dizia que o nosso bem-estar é afetado pelo

ambiente em que vivemos. Talvez estejam aí alguns *insights* importantes para a Educação Ambiental e sua preocupação com a reapropriação social dos lugares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAM, David. Merleau-Ponty and the Voice of the Earth. In: MACAULEY, David (Ed.). **Minding Nature: the philosophers of ecology**. New York: The Guilford Press, 1996.

AUGÉ, Marc. **Não-Lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. 5ª ed. Campinas: Papirus, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

CASEY, Edward S. **Gettong Back into Place: toward a renewed understanding of the Place-World**. Bloomington: Indiana University Press, 1993.

_____. *The Fate of Place: a philosophical history*. Berkeley: University of California Press, 1998.

_____. How to Get from Space to Place in a Fairly Short Stretch of Time: Phenomenological Prolegomena. In: FELD, Steven & BASSO, Keith H. (Eds.). *Senses of Place*. Santa Fé: School of American Research Press, 2000.

CHENEY, Jim. Postmodern Environment Ethics: Ethics as Bioregional Narrative. In: OELSCHLAEGER, Max (Ed.). **Postmodern Environmental Ethics**. Albany: Suny Press, 1993.

COBB, Edith. **The Ecology of Imagination in Childhood**. New York: Columbia University Press, 1977.

GALLAGHER, Winifred. **The Power of pLace: how our surroundings shape our thoughts, emotions, and actions**. New York: Harper Collins Publishers, 1994.

HARGROVE, Eugene C. **Foundations of Environmental Ethics**. Denton: Environmental Ethics Books, 1989.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo:Edições Loyola, 2006.

HEIDEGGER, Martin. *Poetry, Language, Thought*. New York: Harper & Row Publishers, 1971.

HUSSERL, Edmund. **The Crisis of European Sciences and Transcendental Phenomenology**. Evanston: Northwestern University Press, 1999.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *O Primado da Percepção e suas Conseqüências Filosóficas*. Campinas: Papirus, 1990.

_____. *O primado da Percepção e suas Conseqüências Filosóficas*. Campinas: Papirus, 1990.

NAESS, Arne. **Ecology, community and lifestyle**. New York: Cambridge University Press, 1995.

PASSOS, Luiz Augusto & SATO, Michèle. Educação Ambiental: o currículo nas sendas da fenomenologia merleau-pontyana. In: SAUVÉ, Lucie; ORELLANA, Isabel & SATO, Michèle (Orgs.). **Subjects choisis en éducation relative à l'environnement. D'une Amérique à l'autre.-Sujetos escogidos em educación ambiental. De uma América a outra. - Textos escolhidos em educação ambiental. De uma América à outra..**1ª ed. Montréal: Les Publications Université du Québec à Montréal, 2002, v.1, p.129-135.

PLUMWOOD, Val. **Feminism ant the Mastery of Nature**. London: Routledge, 1993.

REHMAN-SUTTER, Christoph. An Introduction to Places. In: **Worldviews: Environment, Culture, Religion**. Vol. 2. N° 3. December, 1998.

WHITEHEAD, Alfred North. **Science and the Modern World** . New York: MacMillan Publishing, 1967.